



PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM Da janela do meu quarto eu vejo...

LANDSCAPE PERCEPTION AND REPRESENTATION
From my bedroom window I see...

Rafael Campos Rangel

*Escola UNICAP ICAM-TECH; Universidade Católica de Pernambuco, Brasil
rafael.rangel@unicap.br*

*Escola UNICAP ICAM-TECH; Universidade Católica de Pernambuco, Brasil
igor.villares@unicap.br*

Tomás de Albuquerque Lapa

*PPGDU-MDU, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
tomas.lapa@ufpe.br*

RESUMO

Este trabalho descreve ferramentas didáticas utilizadas na atividade "Da Janela do Meu Quarto Eu Vejo...", atividade direcionada a discentes do primeiro semestre do curso de arquitetura e urbanismo. O artigo tem como objetivo apresentar as ferramentas e o referencial teórico que embasam a atividade, sua aplicação e resultados. A dinâmica aqui descrita encoraja os alunos a desenvolver um olhar reflexivo sobre a paisagem, assim como habilidades de representação abstrata. O debate teórico aborda definições de paisagem e questões relativas à definição, representação escrita e pictórica da paisagem. Neste último ponto, a questão do processo de abstração foi especialmente trabalhada. Por fim, são discutidos os resultados textuais e gráficos da atividade e seus possíveis desdobramentos.

Palavras chave: paisagem, percepção, representação.

Eixo temático: 2. Cidade e Ambiente.

Tópico: Patrimônio e paisagem cultural

ABSTRACT

This paper describes didactic tools used in the activity "From the Window of My Room I See..." (Da Janela do Meu Quarto Eu Vejo...), directed towards first-semester students in the architecture and urbanism course. The objective of the article is to present the tools and theoretical framework that underpin the activity, its implementation, and results. The described dynamics encourage students to develop a reflective perspective on the landscape, as well as abstract representation skills. The theoretical debate addresses landscape definitions and issues related to the written and pictorial representation of the landscape. In this regard, the

question of the abstraction process was particularly explored. Lastly, the textual and graphic results of the activity and their potential developments are discussed.

Keywords: landscape, perception, representation.

Thematic clusters: 2. City and Environment.

Topic: Heritage and cultural landscape

Introdução

A disciplina de Atelier de Projeto I, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco, busca promover para o aluno recém-chegado um primeiro contato com o campo da arquitetura, com a finalidade de desenvolver sua capacidade de expressão e manipulação da forma arquitetônica, bem como a compreensão de seus atributos e conceitos. No decorrer do semestre letivo, as atividades realizadas durante a disciplina sugerem a construção gradual e acumulativa de habilidades, conhecimentos e atitudes e são organizadas através de quatro oficinas.

Este artigo busca descrever as ferramentas didáticas e os resultados da primeira oficina, intitulada "Da janela do meu quarto eu vejo...", utilizada como exercício de olhar reflexivo sobre a paisagem, que é concebida a partir da definição oriunda da Convenção Europeia de Paisagem (Conselho da Europa, 2000) e fragmentos de diálogos entre personagens do filme *Smoke* (1995) de Wayne Wang.

Pela dinâmica colocada, desde o primeiro contato com o curso, propõe-se aos alunos exercitar a habilidade da representação abstrata e suscitar reflexões sobre o espaço e a paisagem. Neste âmbito, o presente texto explora os debates sobre a observação da paisagem, sua definição e representação escrita e pictórica, enfatizando este último ponto no campo da abstração. Por fim, são apresentados e discutidos os resultados textuais e gráficos da atividade.

A referida atividade acadêmica torna-se o ponto de partida para as atividades vindouras, uma vez que aporta os fundamentos básicos para o desenvolvimento da expressão, abstração e estímulo do olhar do estudante de arquitetura. A proposta é, portanto, vista como um momento de imersão, preferencialmente de modo individual, observada em diferentes momentos no decorrer do dia.

1. Paisagem

A natureza, que no seu ser e no seu sentido profundos nada sabe da individualidade, graças ao olhar humano que a divide e das partes constitui unidades particulares, é reorganizada para ser a individualidade respectiva que apelidamos de 'paisagem'. (SIMMEL, 2009:7)

Nesta atividade, a Convenção Europeia de Paisagem, de autoria do Conselho da Europa (2000) é trazida como principal referência para entendimento e discussão sobre a paisagem, enaltecendo sua importância para a qualidade de vida das pessoas e promovendo a participação cidadã na sua conservação e melhoria. Tais atributos se apresentam frutíferos para produção do conhecimento, constituindo as diretrizes do Plano Pedagógico do Curso e, sobretudo, embasando as disciplinas da graduação. Nessa condição, se faz necessário expor as definições trabalhadas.

De acordo com a Convenção Europeia de Paisagem, o termo paisagem "designa uma parte do território, tal como é apreendida pela população, cujo caráter resulta da interação de fatores naturais e/ou humanos" (CONSELHO DA EUROPA, 2000:4). Desta feita, ao contrário do que poderia considerar o senso comum, a paisagem não se refere apenas àqueles cenários notáveis no campo ou nas cidades, mas também ao ordinário, ao comum. Independentemente da notoriedade, todo recorte territorial dotado de valor é concebido como paisagem, até mesmo a vista da janela de um quarto.

Na contemporaneidade, o conceito de paisagem, como aqui é utilizado, é creditado ao clássico teórico Georg Simmel (1858-1918), um dos primeiros a teorizar sobre o tema no âmbito da filosofia. Em "Filosofia da paisagem", texto originalmente publicado em 1913, o autor elabora o conceito de paisagem como "Uma porção

de natureza [...]” (SIMMEL, 2009:6), o que segundo Simmel, a priori é uma contradição, pois a natureza não possui frações. A paisagem é a unidade de um todo e, no momento em que algo se separa dela, deixa de ser inteiramente natureza. Porém, a percepção humana limitada é que parcela a natureza, não há de fato uma separação. A paisagem é fruto da divisão e compreensão fracionada do espaço, à qual atribui-se valor.

Portanto, a paisagem não é unicamente natureza, ela é composta por elementos físicos e humanos, não se limita apenas ao objeto nem exclusivamente ao sujeito, mas resulta da interação complexa entre eles, em diferentes escalas de tempo e espaço. Isso implica tanto em uma construção mental da realidade quanto na materialização presente nas coisas. (BERQUE, 1994 apud VERAS, 2014:24)

2. Paisagem como um texto

Diante das complexidades e interpretações da paisagem, reitera-se como fundamentação as questões abordadas por Georg Simmel (2009), ao considerar a unidade do espaço visível como condição favorável para leituras e percepções da paisagem, em distintos campos do conhecimento.

Simmel (2009), além de conceituar a paisagem, elabora a questão de sua representação de forma escrita. A descrição, uso de símbolos, sentimentos, comparações e interpretações são as formas que o autor seminal utilizou para conceituar e descrever o espaço. O sociólogo alemão considerava a paisagem como uma manifestação simbólica e socialmente construída, que desempenha um papel ímpar na experiência humana e na formação da identidade individual e coletiva.

A busca de uma identidade que deve ser expressa em forma, como via de construção da habilidade de expressão plástica de um conceito. Tal aptidão expressiva será vital na formação do futuro arquiteto e urbanista. Esta abordagem permite compreender a ideia de “texto” como um discurso fundamentado a partir de teorias e preceitos de determinada área. No campo da linguística, por exemplo, busca-se atribuir ao texto um valor semântico e de sintaxe, legitimando-o como instrumento favorável para comunicação. Por exemplo, a arquiteta e teórica Ellen Dunham-Jones observou que os profissionais de arquitetura tendem a se ver como pessoas visuais. Essa autoimagem profissional é fielmente refletida nas representações populares dos arquitetos, que geralmente os mostram examinando plantas, fazendo desenhos e modelos ou manipulando imagens em telas de computador. (MARKUS & CAMERON, 2002).

Essa conduta pode estar relacionada a diferentes questões estruturais advindas, em alguns casos, da formação de planos pedagógicos das escolas de arquitetura, que consideram a mesma como uma prática prioritariamente visual, em detrimento do verbal. Na realidade, o trabalho dos profissionais de arquitetura é tanto visual quanto verbal: a linguagem desempenha algum papel em quase tudo que nós fazemos.

Markus & Cameron (2002) reforçam que, assim como muitos outros campos do conhecimento, a arquitetura se faz com o uso de recursos linguísticos específicos desenvolvidos ao longo do tempo, com o objetivo de refletir, por meio da fala e da escrita, sobre os fenômenos que são suas preocupações distintivas. A arquitetura possui seu próprio registro linguístico (termo utilizado por linguistas para denotar um conjunto de convenções de uso da linguagem adaptadas a uma situação ou instituição específica) ou jargão. Essas terminologias são essenciais para a comunicação clara e objetiva de conceitos herméticos aos não habituados com o ofício e os temas trabalhados, neste caso, da paisagem e do espaço urbano.

Notadamente, no que se refere ao campo da arquitetura, os atributos inerentes da disciplina se fazem presentes na transformação e intervenção do ambiente construído como um produto da percepção humana. Em um cenário de constantes transformações “materiais e imateriais” da paisagem, as particularidades de cada unidade ou, talvez, o conjunto de seus elementos, podem ser percebidos e reconhecidos como “um texto em perpétua mudança” (ZAGARI S.D. apud DI MAIO & BERENGO, 2008:3). Nesse sentido, promover uma atividade acadêmica de caráter analítico e descritivo da paisagem, documentada e lastreada em um texto, possibilita evidenciar o relato verbal como ferramenta de legitimação e compreensão da paisagem que se observa *in loco* ou, simplesmente, na condição imagética de memórias anteriores.

Portanto, tal conhecimento e vocabulário é introduzido de forma espontânea ao discente que ingressa no curso, a atividade em questão promove essa introdução de maneira intencional. Ao expor e discutir com termos e vocabulário próprios, dentro do registro linguístico, o ofício se transmite e debates são construídos. O objetivo de tal questão é apoiar a compreensão e expressão da percepção da paisagem.

3. Paisagem enquanto desenho, o abstrato

“Enquanto era natureza, o homem sentia a paisagem sem entendê-la como tal, quando a paisagem é separada da natureza, ela é entendida como paisagem.” (VERAS, 2014)

O domínio da representação gráfica é essencial ao arquiteto urbanista, bem como para efeito de aplicação da atividade dinâmica aqui descrita. Seu objetivo é facilitar a construção e desenvolvimento da habilidade de representar graficamente e de forma abstrata, seguindo os preceitos desenvolvidos desde o modernismo, onde prevalece a intenção plástica. O objeto inicial de contemplação e trabalho é a vista tomada do quarto do observador, cuja inspiração advém da visão de Lúcia Veras (2014), que estabelece a separação entre o eu (homem), a natureza e sua compreensão enquanto paisagem. Já segundo Scheeren (2012), a estética do modernismo se mantém corrente e se expressa na contemporaneidade, reduzindo a complexidade a uma forma simples, abstrata, e até mesmo universal, sendo, portanto, coerente com a estética volumétrica e plástica atuais.

A função didática que se depreende deste trabalho advém do "papel da analogia visual como um argumento crítico" (BERREDO, 2007:IV). Historicamente, a representação abstrata, com este nome, foi inicialmente explorada pela pintura, porém, foi apropriada em seguida pelas outras artes. Tomando como referência as conceituações de Theo van Doesburg (figura 01), verifica-se a substituição estética da representação realista (que simula a realidade) por outra que é abstrata (geometrizada e simplificada). Portanto, a abstração pode ser definida como a representação de “uma espécie de substrato essencial e autônomo com relação ao tema” (BERREDO, 2007).

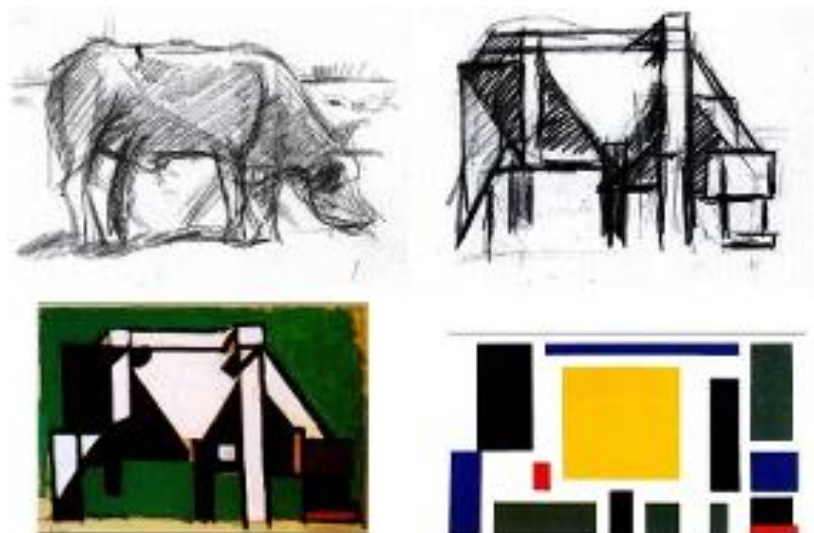


Fig. 01: Processo de abstração. Fonte: Acervo Theo van Doesburg

É necessário, porém, discutir um outro viés, o da arquitetura ordinária, fruto da exploração do capital pelas grandes construtoras. Isto não deve ser confundido com o exercício intelectual de redução e abstração geométrica. Aureli (2011) defende uma reavaliação da abstração, seus significados e suas fontes.

Embora os arquitetos geralmente tenham interpretado a abstração em termos formais – a redução intencional das complexidades do projeto a seus elementos essenciais – Aureli mostra que a abstração, na verdade, surge das condições materiais da produção da construção. A arquitetura abstrata é mais que um estilo, trata-se de um processo intencional e fruto de uma longa jornada cultural e econômica. A linguagem abstrata da

composição funciona então como um alfabeto, nas palavras de Mitchell, (1986) apud Markus & Cameron (2002), não importa quem escreve ou digita as letras, nem qual é a sua forma detalhada, seu significado permanece constante.

Tal processo, antecipado pela arquitetura da antiguidade, estabeleceu uma distinção entre trabalho manual e intelectual, colocando o primeiro a serviço do último. Até aqui temos uma consonância entre a abstração, arquitetura e urbanismo comercial, que produz paisagens absolutamente estéreis. Porém, à medida que a geometria, usada para medir territórios, se tornou intermediária entre a terra e o dinheiro, ela produziu, eventualmente, a lógica da malha (grid no original). Em nosso próprio tempo, a abstração arquitetônica serve à lógica do capitalismo e abraça a premissa de que todas as coisas podem ser trocadas. Para resistir à essa tendência, então busca-se uma crítica à arquitetura que se baseia no nível da prática material e artística.

Com este mote, a atividade aqui descrita estimula o aluno a buscar a essência da paisagem e, por meio da observação e interpretação, representá-la nessa essência e não em sua realidade objetiva.

4. Dinâmica: da janela do meu quarto eu vejo...

A atividade dinâmica intitulada “Da janela do meu quarto eu vejo...” é apresentada aos alunos do primeiro período do curso de arquitetura e urbanismo, na disciplina de Atelier de Projeto 1. No primeiro momento, os professores introduzem a disciplina considerando as temáticas e oficinas a serem desenvolvidas ao longo do primeiro semestre. Na sequência, dá-se início ao conteúdo expositivo da dinâmica da paisagem, atribuindo o prazo máximo de uma semana para sua realização. A título de sintetização das informações, as etapas a seguinte demonstram os procedimentos realizados no decorrer da aula:

4.1 Prática da dinâmica

A temática é abordada com base na aula expositiva sobre a paisagem que, por sua vez, está fundamentada no livro “Nós Somos a Paisagem: como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem?” (DI MAIO & BERENGO, 2008:8). Durante o delineamento do assunto, os estudantes são estimulados a opinar sobre uma série de fotografias (figura 02) de distintas paisagens, a partir de uma série de questionamentos e reflexões: “O que vocês estão observando nessas paisagens?” “Percebem a existência de elementos que não compõem a paisagem em si?”, “O que podemos resgatar em nossa memória com a visualização dessas paisagens?” “Com qual dessas vocês têm mais proximidade? E qual te afasta?”



Fig. 02: Conjunto de paisagens apresentadas. Fonte: Shutterstock 2019, montagem pelos autores

As fotografias apresentadas e as respostas associadas àquilo que foi observado pelos estudantes buscam estimular sua percepção, dialogando com a multisensorialidade atribuída ao campo da arquitetura. Portanto, apropriar-se da dinâmica em questão com a “ajuda” dos sentidos, permite contribuir para a formação do estudante, com a consciência de que a paisagem é produto de nossa percepção, justificando a máxima de que *nós somos paisagem*.

Na sequência, a apresentação do fragmento do filme *Smoke* (1995), de Wayne Wang, torna-se um ponto chave para fomentar nos estudantes as lições colocadas pelo personagem Auggie em conversa com seu colega Paul. Ao registrar mais de 4.000 fotografias no mesmo lugar, sugere-se aos estudantes distintas observações da paisagem e suas diversas formas de percebê-la:

Paul: [Incrédulo] *São todas iguais...*
 Auggie: [Sorridente, com orgulho.] *Exato. Mais de quatro mil fotografias do mesmo sítio: a esquina entre a terceira rua e a sétima avenida às oito da manhã. Quatro mil dias seguidos, com todo o tipo de estado de tempo... Por isso nunca posso tirar férias. Tenho de estar aqui todas as manhãs. Todas as manhãs, no mesmo lugar, na mesma hora.*
 Paul: [Atônito, folheando uma página a seguir à outra.] *Nunca vi nada assim.*
 Auggie: *É o meu projecto. Poderíamos chamá-lo de trabalho de uma vida. [...]*
 Paul: *Mas são todas iguais!*
 Auggie: *São todas iguais, mas cada uma é diferente da outra.*
 (WANG, 1995 apud DI MAIO & BERENGO 2008:2).

A partir do diálogo entre os personagens, busca-se evidenciar a expressão da paisagem como texto, questão atribuída ao arquiteto Franco Zagari (1945), que a interpreta como uma linguagem e, portanto, como algo repleto de significados. Como consideração final dos argumentos, os estudantes passam a refletir sobre a paisagem como código genético de uma região, o que torna frutífera a aplicação da dinâmica enquanto atividade complementar.

Em seguida, inicia-se a atividade “*Ensaio Crítico sobre a paisagem*” que tem por objetivo descrever a paisagem a partir da janela do seu quarto, buscando detalhá-la em diferentes momentos do dia. Ao final, o aluno desenvolve uma imagem (desenho à mão livre ou com apoio de instrumento) representando o que viu de modo abstrato.

Na aula seguinte, os textos são entregues e dá-se início à leitura em voz alta, promovendo o desenvolvimento cognitivo de imagens mentais a partir da leitura contínua dos textos, apresentando, ao final, “as paisagens” elaboradas pelos alunos. Os croquis são analisados coletivamente e, com base na descrição, os alunos selecionam a imagem correspondente. Caso não seja selecionada corretamente, o espaço para debate é aberto. A dinâmica da atividade promove a consciência da percepção individual e íntima da paisagem e de sua representação pelos dois meios.

Para sintetizar, a dinâmica pode ser entendida a partir de três etapas consecutivas (figura 03): inicia-se pela (i) observação, processo demonstrado pela conversa entre Auggie e Paul (WANG, 1995), posteriormente o discente deve (ii) analisar aquela paisagem, baseando-se na discussão sobre a paisagem de Di Maio & Berengo (2008) e, por fim, (iii) representar em texto e em imagem a essência daquela paisagem.

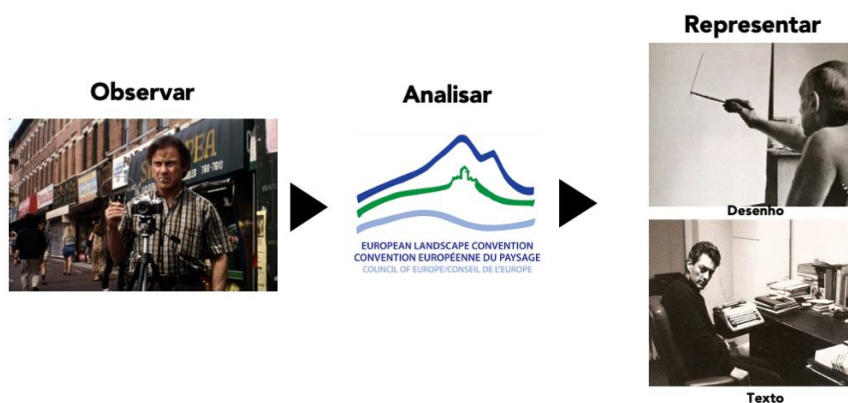


Fig. 03: Diagrama do processo da oficina. Fonte: Autores, 2023.

5. RESULTADOS

A seguir, apresentam-se resultados textuais e gráficos como amostras representativas dos materiais desenvolvidos pelos discentes ao final da dinâmica (figura 06). Os produtos alcançam os objetivos e representam de forma integral aquilo que foi buscado, unindo a interpretação poética da observação da paisagem à sua expressão pictórica. Destacam-se as condições do produto sobre o material desenvolvido, considerando que o texto deve ter até quinhentas palavras e que o desenho, além de abstrato, deve ser realizado a lápis ou caneta preta (limitação cromática).

Segue-se, portanto, fragmentos de dois conteúdos textuais elaborados pelos discentes e, na sequência, suas respectivas imagens (figuras 04 e 05):

TEXTO 01:

"Da janela do meu quarto...

Os arranha-céus gêmeos de cores quentes roubam completamente a atenção dos que passam na rua pouco movimentada. O ronco do motor dos carros de luxo que saem da garagem destes edifícios neutraliza completamente o som da dobra das ondas na praia. Não há qualquer chance de se enquadrar na paisagem. [...] E harmonia tem mais significados para equilíbrio do que para estética. E equilíbrio é o que não há nesta rua. E é da janela do meu quarto que eu penso se existe uma alternativa para reverter os demais problemas. É lá que eu busco um refúgio na paisagem, tentando realocar meu olhar para um grupo de pássaros. [...] Eu já não consigo mais enxergar a rua, o asfalto, a calçada. A vida vai se esvaindo. Qualquer rastro de felicidade vai se apagando. Uma padronização de pensamentos é perfeitamente refletida na padronização que a edificação possui. O objetivo nunca foi abrigar mais pessoas, sempre foi deixar claro o status de cada um daquele ambiente. Uma realidade árdua onde o concreto nos céus persiste em sofrer a mesma corrosão do chão. Uma paisagem sem singularidade. Uma paisagem que remete uma escadaria. [...] E essa paisagem não consegue incluir todos, não da forma com que poderia. Exemplificando os extremos da vida e deixando clara a desigualdade social. "É que o de cima sobe, e o de baixo desce." É por isso que os tons de laranja não me darão energia, e os tons de verde não me trarão esperança. Não importa o quão ensolarado estiver, essa paisagem tem naturalmente tons de cinza. B.C." (Coletado pelos Autores, 2021)

TEXTO 02:

"Da janela do meu quarto...

Da janela do meu quarto os grandes retângulos de concreto enchem a vista, o início de uma cidade de pedra... bom, isso se esquecermos os detalhes. [...] De longe, coloridos retângulos se movimentam em tamanha pressa, um desesperado rapaz corre ao seu alcance parando de supetão! E lá se vai a sua manhã tranquila! Pelas avenidas movimentadas caminha ao encontro de um grupo de sonhadores. As paradas se enchem de vida! [...] Com o sol em tamanha luz, as ruas se enchem, as casas se preenchem e um novo dia finalmente se inicia! Com essa manhã tão tranquila o vento vem se juntar a nós, lindos arbustos e árvores parecem dançar com ele, de certo olhar poderíamos até imaginar que gostaríamos de trazer esses concretos para a dança, mas, se contentam com um leve abraçar... Ah! se concretos pudessem agradecer, seriam gratos pelo esverdear ficar ao redor deles e aquecer ao coração de um sonolento espectador!

O sol, então, decide ir para o seu auge e nos enxergar do centro! Com ele parece que aquece toda a população, e como de costume de longe já se escuta um grande despertar, os sinos despertam dessas grandes caixas de concreto, coloridas, como os pequenos sonhos a se criar em seu interior! [...] Um povo arretado de bom começa a se movimentar, os pequenos quadrados também enchem a rua dos cachorros em busca de seus pequenos sonhadores, e eles pulam começando a tagarelar! [...] Com a lua nos dando "oi" a rota dos retângulos coloridos volta a aumentar, sonhadores desesperados pelo descansar! As ruas se enchem mais uma vez de caminhantes ao anoitecer! [...] Como é belo para apreciar! Da janela do meu quarto, casas e prédios, esses são os mais infames em esfriar uma linda vista! Com um pequeno passo para trás nos tornamos uma pintura, tantas vidas e sonhos em cada pincelada! Que linda obra enquadrada nessa moldura! Da janela do meu quarto... a beleza se esconde nos detalhes! D.P.C." (Coletado pelos Autores, 2023)

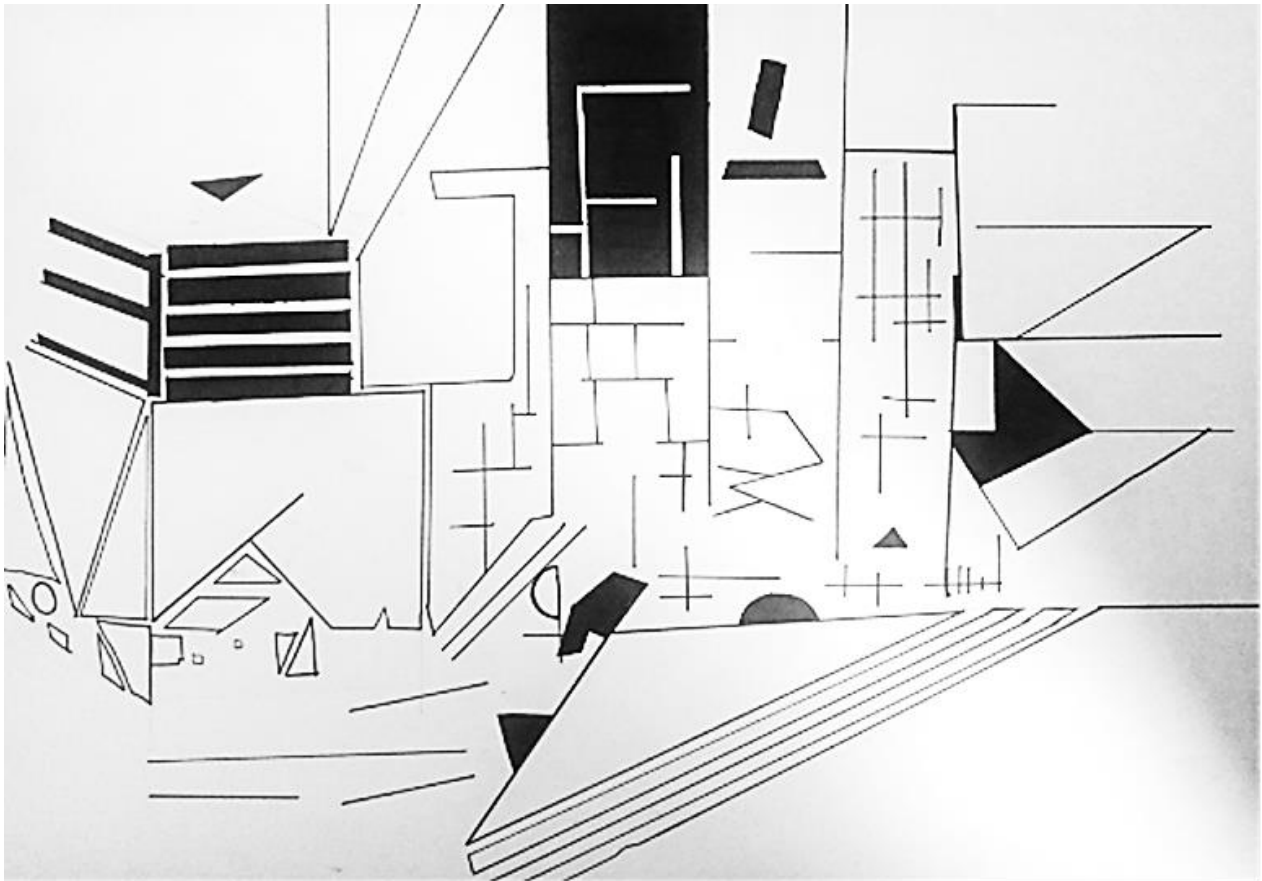


Fig. 04: Representação figurativa do TEXTO 01. Fonte: Coletado Autores, 2021.

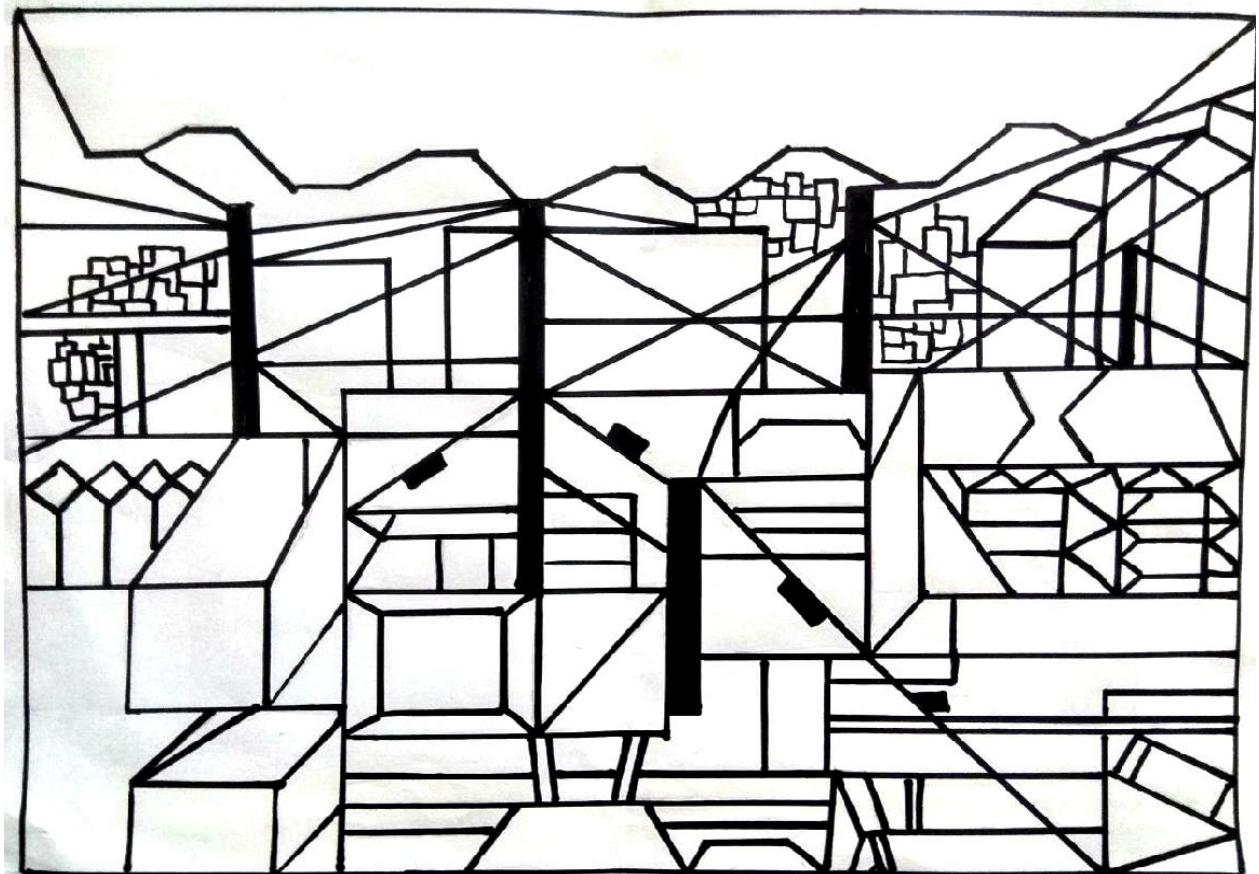


Fig. 05: Representação figurativa do TEXTO 02. Fonte: Coletado Autores, 2023.

Observando os textos descritos e suas respectivas representações gráficas dos exemplos acima, ressalta-se uma mostra representativa do forte valor sensorial e sentimental que os alunos associaram à paisagem que se revelava a partir da janela de seu quarto, com a predominância discursiva de elucubrações das questões sociais, afetivas e perceptivas. Alguns optaram por textos poéticos, ritmados, representando fenômenos da natureza, enquanto outros atribuíram um valor literal àquilo que estava sendo observado, dentre elas, as ações do cotidiano e problemáticas urbanas. Ainda, àqueles em que a janela estava diante de um muro, em muitos casos residências unifamiliares, resgataram no imagético a sua “destruição” para alcançar um novo olhar. Como também, exemplos em que a altura extrema, como coberturas em arranha-céus, criava uma atmosfera desafiadora para se abordar o conseqüente distanciamento da “escala humana”. Os desenhos também acompanham este discurso, a partir de elementos heterogêneos, ritmados, através de linhas retas, ora curvilíneas, fragmentadas e desconexas, estaticidade e dinamicidade, relações entre figura e fundo, cheio e vazio, liberdade e simultaneidade para gerar “profundidades” e materialidades a partir de uma paisagem urbana, sob a ótica, em muitos casos, pessimista, criativa, irreverente e crítica dos autores.

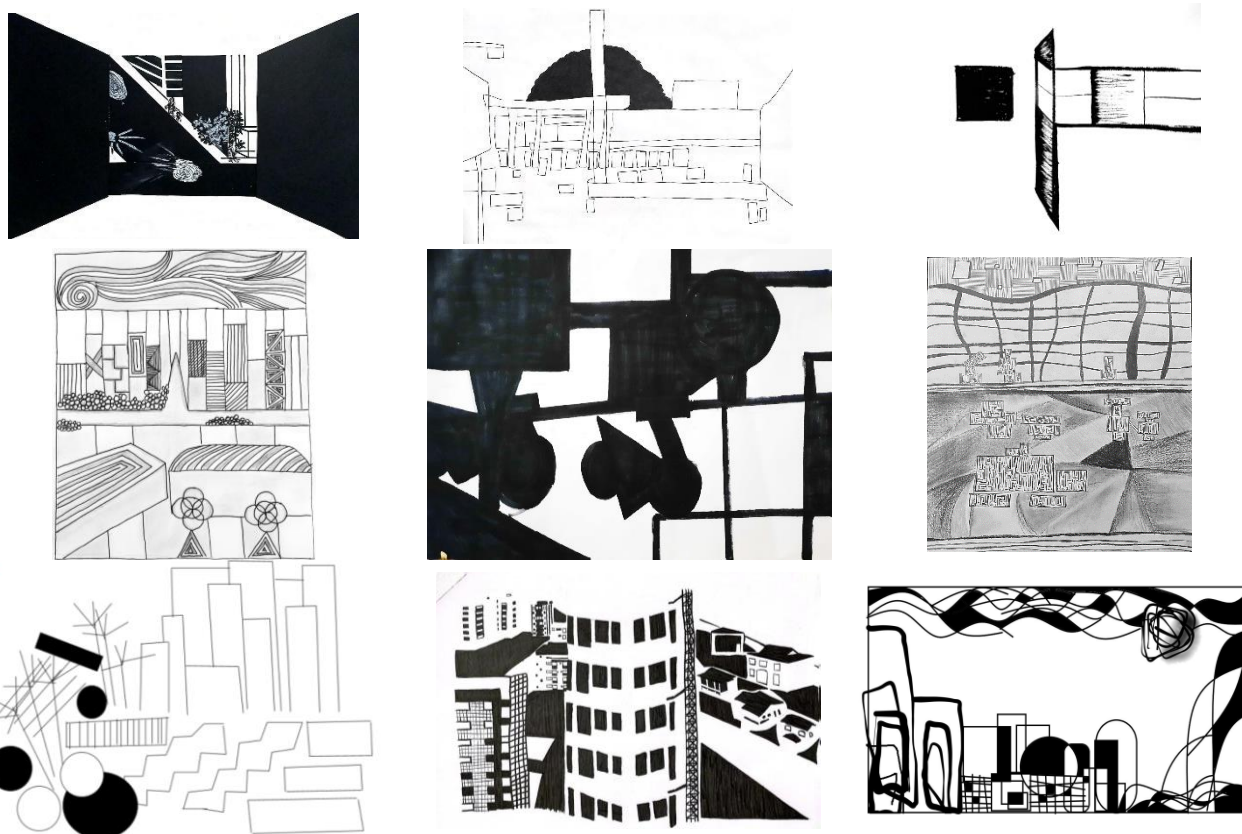


Fig. 06: Conjunto de imagens resultantes das atividades. Fonte: Coletado Autores, 2023

Considerações finais

A dinâmica teve como objetivo criar momentos de reflexão para os alunos que estão ingressando no curso de Arquitetura e Urbanismo, reconhecendo a importância dos primeiros contatos ao abordar conceitos de espaço, paisagem e suas formas de representação e expressão. Ao estimular a observação da paisagem e explorar sua definição e representação de maneira livre e sem restrições, tanto por meio de palavras (texto) quanto de imagens, foi proporcionado aos alunos um espaço para praticar a expressão e buscar a essência da percepção visual, interpretando-a a partir de uma paisagem que faz parte de um ambiente mais íntimo e familiar, representado aqui pela janela do quarto.

Os resultados revelaram que essa atividade dinâmica vai além de uma simples descrição instrumental, sugerindo a necessidade de embasamentos teóricos como amplificadores do conteúdo dos textos e das representações visuais. A dinâmica da paisagem proporcionou uma prática de três momentos distintos. O primeiro envolveu o conhecimento e a definição da paisagem, utilizando o texto "Nós somos a paisagem" de Di Maio & Berengo (2008), que explorou o tema de maneira sensorial e lúdica, com apoio de referências cinematográficas. O segundo momento incentivou a atitude, a estimulação do olhar e do imaginário, bem como a expressão daquilo que pode ser concretizado. No terceiro e último momento, desenvolveu-se a habilidade de materializar essa imagem mental por meio do desenho e do texto.

Esses três momentos se tornam competências cumulativas e progressivas, essenciais para o desenvolvimento de práticas projetuais e concepções nos estudos de projeto do curso de Arquitetura e Urbanismo.

BIBLIOGRAFIA

Aureli, P. V. (2011). *The possibility of an absolute architecture*. MIT press.

Conselho da Europa (2000). *Convenção Europeia da Paisagem*. Florença, 20 out. 2000. Disponível em: www.dhnet.org.br/direitos/sip/euro/ue_convencao_eu_paisagem. Acesso em: 22 mar. 2023.

Di Maio, S., & Berengo, C. (2008). *Nós somos a paisagem: como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem*. Guimarães. 2008

Berredo, H. E. D. (2010). *Sobre abstração na historiografia da arquitetura moderna*. 2007 (Dissertação).

Scheeren, R. (2012) *O Processo de Abstração Estética e a Crise do Movimento Moderno na Arquitetura*. 2012 Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/existenciaearte/O_Processo_de_Abstracao_Estetica_e_a_Crise_do_Movimento_Moderno_na_Arquitetura.pdf Acesso em: 04 fev. 2023.

Markus, T. A., & Cameron, D. (2002). *The words between the spaces: Buildings and language*. Psychology Press.

Simmel, G. (2009). *A filosofia da paisagem*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Wang, W. (Diretor) (1995) *Smoke* [filme]. Miramax Films

Veras, L. M. D. S. C. (2014). *Paisagem-postal: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife urbano*. (Tese)